

Bernat Metge (1340-1413) nos trópicos: um humanista catalão no Brasil

Ricardo da Costa¹ & Matheus Corassa da Silva²
UFES-Brasil

1. Introdução

O que pensaria Bernat Metge ao saber que seu texto, após mais de 600 anos, alcançaria terras tão longínquas e *calientes* do Além-Mar? O Brasil, mundo-limite em que, atualmente, a preocupação gramatical escorre por entre os dedos e por entre as consciências dos amantes da *língua de Camões* (c. 1524-1580), recebe esta pérola catalã tardo-medieval em seu seio acadêmico. Temos, com isso, alguma intenção de recuperar o amor às letras? Infelizmente não. Na verdade, almejamos preservar o nosso amor às letras, ou melhor, o amor dos possíveis leitores tanto brasileiros quanto da comunidade lusófona pelo texto, agradabilíssimo e com inúmeras possibilidades interpretativas e de investigação. Como *Curial e Guelfa* (2011), a prosa de Metge é fluente, abundante.

Os temas se desenvolvem de modo encadeado –é enganoso supor que a organização interna da obra seja confusa, pois seu conteúdo apresenta-se em sonho ao autor literariamente projetado em Bernat, que se encontra aprisionado em um cárcere. Trata-se de um sonho melancólico, sonho premonitório, sonho que antevê o fim das almas após a morte. Caso percamos essa perspectiva *onírica* de vista, esse pano de fundo no qual transcorrem os diálogos entre o vivo e os mortos, o sentido transcendental da obra, igualmente, perder-se-á. Do mesmo modo, houve o imperativo de manter em nossa tradução a elegância do texto original, elegância essa tão característica dos textos humanistas daquele tempo. Sem ela, sem essa forma adequada, a mensagem que o autor quis transmitir perderia sua eficácia retórica. Passemos, pois, ao texto. É ele que será o nosso guia nessa viagem da Catalunha para o Brasil. De fato já o foi, pois esta tradução inédita já rendeu seus primeiros frutos analíticos, um leque de trabalhos acadêmicos que vai da Filosofia à História e Literatura por parte destes dois autores (Costa 2012, 2013a, 2013b; Silva, 2012).

2. A elegância da forma

A forma estrutural do texto remete, fundamentalmente, aos escritos socrático-platônicos. Está ausente, no entanto, a rispidez sofística, já que a ambientação cristã deixa o diálogo envolto em uma aura de benevolência, o que, no fundo, também é um resgate socrático que o humanista realiza, em que pese o fato de a tradição cristã nunca tê-lo abandonado, muito pelo contrário. Como pano de fundo, a amizade permeia a relação dialógica dos personagens. Ela é ancorada na relação feudo-vassálica medieval, o que não deixa de ser um paradoxo literário-temporal. Não nos esqueçamos que o tempo de Bernat é o de uma Idade Média que lentamente se prolonga até sua agonia final ou, inversamente, a lenta antecipação da Modernidade em terras medievais, no que o historiador Johan Huizinga (1872-1945) chamou de *O Outono da Idade Média*. Tempos dificilmente delimitáveis. Seja como for, a amizade entre o personagem Bernat e o rei, a saudade do vassalo para com seu amo, enriquece a tessitura dramática dos diálogos que se passam na solidão do um cárcere.

¹ Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Acadêmico correspondente da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona. Site: www.ricardocosta.com.

² Estudante de graduação em História pela UFES. Aluno pesquisador do Grupo de Pesquisa do CNPq “Humanismo, Literatura e Filosofia” e do Projeto “As projeções oníricas na História: Lo somni de Bernat Metge (1340-1413)”. Bolsista CNPq do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da UFES. E-mail: matheuscorassa@hotmail.com.

Em seu *Prólogo*, a elegância formal literária, humanista, cristã, socrático-platônica, anuncia-se. O prisioneiro, injustamente acusado por crimes que não cometeu, recebe como prêmio de seu sofrimento a visita, em sonho, de seu estimado e falecido senhor, o rei D. João I de Aragão e Valência (1350-1396), acompanhado por Orfeu e Tirésias, dois famosos personagens da Mitologia greco-romana. Num primeiro momento, tomado pelo pavor, Bernat, não os reconhece. Passada a perplexidade inicial, um pouco mais lúcido, nosso protagonista se convence de que aquele que se coloca diante dele é o seu adorado amo, falecido há poucos dias, e de quem se lembrava com afeição e saudade.

Após tê-los examinado bem, e especialmente ao homem de mediana estatura, pareceu-me ver neste o rei Dom João de Aragão, de gloriosa memória, há pouco passado desta vida e ao qual eu por muito tempo servira. Assim, duvidando de quem fosse, assustei-me terrivelmente.

Então ele me disse: “-Afasta de ti todo o pavor, pois sou quem pensas”.

Ao ouvi-lo falar, reconheci-o imediatamente e, tremendo, disse: “-Ó, senhor! Como vós estais aqui? Não haveis morrido outro dia?” (*Lo Somni*, I: 2).

Esse tratamento demasiado respeitoso e amoroso entre senhor e servo, tipicamente medieval, deixa o leitor médio do século XXI estupefato: embrutecidos que estamos pela sociedade pós-moderna, qualquer relação que evoque esse tipo de sentimento é, para nós, inusitada. São sentimentos que transcendem à uma mera relação de poder e/ou de opressão. O amor por seu servo é o motivo que leva D. João a, mesmo *post mortem*, alertá-lo e educá-lo acerca de coisas que desconhecia (a imortalidade da alma, por exemplo). Trata-se da materialização do bom e velho “quem ama, cuida”, princípio já tão desvanecido hodiernamente.

A *elegância formal* do texto metgiano revela, ainda, três elementos que saltam aos olhos do leitor: a preocupação com a bela escrita –a sublime utilização da Gramática–, o debate dos personagens e a concatenação das ideias e o melhor exercício da Retórica. Como conselheiro do *Caçador* e escritor familiarizado com as Artes, as Letras e a Filosofia (perfil do bom humanista), Metge era, certamente, versado nas *Artes Liberais*, notadamente nas três primeiras, o *Trivium* –Gramática, Dialética e Retórica. Aventurar-se pelo conhecimento filosófico nesse final da Idade Média demandava saber ler e escrever corretamente, debater ideias com clareza e consistência, e fazer isso de modo belo, lançando mão, muitas vezes, de metáforas, alegorias e outros artifícios que subsidiassem a ideia defendida e, simultaneamente, demonstrassem a erudição de seu autor. Sem dúvida, Bernat Metge não só desenvolve tais habilidades em *Lo Somni*, mas as faz com elegância. É evidente que a obra está, do início ao fim, recheada desses exemplos. Em que pese todas essas possibilidades interpretativas, atenhamo-nos a um dos temas que o autor discorre e que tem merecido, nas últimas décadas, a atenção da historiografia e dos estudos literários: o universo feminino e seus matizes analíticos.

Exemplo disso é a disputa entre o autor-personagem e Tirésias a respeito das mulheres. Enquanto Tirésias as ataca impiedosamente, e mantém a tradição clássica de inferiorização do feminino, Metge elenca uma série de damas virtuosas que, por meio da História e da Mitologia, tornaram-se exemplos. Uma delas é Maria de Luna (1358-1406), esposa de Martim I, o *Humano* (1356-1410), e regente da Coroa de Aragão entre 1396 e 1397. Mais que um elogio à rainha consorte, Bernat demonstra seu profundo conhecimento nas *Artes Liberais*. Além de argumentar com clareza, coerência e coesão, o autor utiliza-se, brilhantemente, da Mitologia e de fatos históricos como elementos que não só embelezam, mas que enriquecem e que dão uma elegante forma ao texto. Assim, ele subverte a ênfase depreciativa que o mundo clássico atribuía às mulheres e recria o tema de modo positivo, uma das notáveis características desse precursor humanismo que se anuncia nos ambientes literários da corte aragonesa.

Bem sei que fui prolixo em minhas palavras e, portanto, ainda que me lembre de muitas outras senhoras virtuosas, concluirei brevemente com a rainha Dona Maria, agora reinante, não porque mereça ser a última por pequenez de virtudes, mas para dar-lhe prioridade e honra. Ela será a chave que fechará a obra, sinal colocado no fim do rescrito e selo que devidamente o autoriza. Tantas são as virtudes dela que eu poderia dignamente louvar que nem sei por onde começar. Contudo, como derradeiramente fiz menção ao amor conjugal, desejo completar o que falta.

Alguns poetas celebram muito o cordial amor que Penélope teve por Ulisses, seu marido, porque durante sua longa ausência não o esqueceu, dizendo que nunca tomaria outro marido se o seu não retornasse: como a mulher de Ulisses queria morrer. Um grande amor ela mostrou, segundo meu juízo, mas foi incomparavelmente maior o que demonstrou ter a rainha Dona Maria pelo senhor rei, pois não só recordou-se sempre dele enquanto se retardava por muito tempo e com extremo perigo de vida no reino da Sicília, e o aguardou quase como viúva –e, de acordo com a opinião comum, com temerosa esperança de jamais tornar a vê-lo– mas também, para sustentá-lo e mandar-lhe socorro, vendeu tudo quanto tinha e enviou um grande reforço de gentes com armas, além de muito dinheiro, e enquanto isso ficou e viveu em grande indignação e necessidade, não tomando em consideração sua condição social.

Frequentemente eu me maravilho, e não posso deixar de fazê-lo, com a grande paciência que ela teve, depois de ter ascendido à dignidade régia, suportando que alguns insolentes, cujas injustas pretensões ela não queria satisfazer, diante de sua excelsitude lhe dissessem: ‘–Ainda não sabeis se sois rainha!’.

Oh, que palavras dignas das orelhas de Nero! Oh, terra surda e injusta! Como não os engoliste, assim como a Datan e Abiron que, por semelhante delito, foram condenados pelo juízo divino?

Quanta maturidade pensas que ela teve quando expulsou da terra, na ausência do senhor rei, o conde de Foix, que hostilmente havia entrado acompanhado por muitos ladrões poderosos, alegando ter direito ao reino, direito esse que tinha tanto quanto tu? Os nossos homens de armas dizem que ela o expulsou, e pensam que foi como Fábio Máximo, que venceu mais batalhas em Roma, sem lutar, do que outros que combateram seus inimigos. Talvez eu diga uma grosseria, pois como és um espírito, sabes melhor do que eu, mas que quem o expulsou não foram outros senão a sabedoria, a astúcia e o acertado procedimento daquela senhora que, depois de ter feito grandes preparativos, conseguiu afugentá-los, como o leão ao cervo e o falcão-gerifalte à grua.

Não posso deixar de referir mais uma destacada obra, digna de recordação, que ela fez durante nossa perseguição, e assim concluirei. Tudo quanto ela quisesse pedir lhe teria sido outorgado por nossos inimigos e perseguidores, se tivesse permitido que a vara dos pecadores caísse sobre as costas dos justos, de modo que eles que pudessem julgar-nos conforme seus desejos. Mas ela escolheu antes aplicar a justiça que deixar que a ferissem e, assim, algo tivesse maculado a sua consciência (*Lo Somni*, IV: 7).

A passagem evidencia o recurso às orações extensas, aliás recurso costumeiro em toda a obra, que fazem com que o encadeamento rítmico, recurso característico do latim clássico –como o da obra ciceroniana–, flua suavemente nas sequências argumentativas. Por outro lado, o uso elegante de um campo semântico-linguístico virtuoso (excelsitude, amor aplicado ao cônjuge, o *maravilhamento* platônico, típico dos espíritos contemplativos, o “louvor” devido a esses comportamentos aristocráticos, etc.) aplicado

aos personagens ressalta as qualidades inerentes àqueles espíritos elevados. Em nossa tradução para o português, tal recurso adorna o texto e enleva o leitor lusófono já que exige de si uma apreciação estética meditativa. Isso é uma apreciação literária bastante conveniente, mesmo que paradoxal para os nossos tempos, aos desejosos de resgatar o preciosismo da *língua de Camões*. A decadência das Letras de nossa língua lusa torna a leitura de clássicos como *Lo Somni* uma interessante estratégia de resgate daquela cortesia hoje esquecida nesse torvelinho caótico cultural.

O universo conceitual metgiano gira em torno de conceitos filosóficos clássicos, dois deles cruciais para a compreensão da Humanidade em sua acepção mais sublime, como é o caso da *dignidade régia*. O conceito de *dignidade monárquica* foi estendido, posteriormente, ao mundo da cultura humana, a ponto do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) defini-la como um *imperativo categórico de civilidade*. Os primórdios dessa elegante ideia que sublima o espírito do homem reside na concepção da dignidade da monarquia: Bernat Metge recorre mais de uma vez, em seu texto, a essa generosa noção. Inserida no mesmo âmbito de valor, a *honra* é uma estima tributada a alguém, um dos bens fundamentais da vida em sociedade, já que tributa ao seu portador a magnanimidade na conduta e no respeito que se deve prestar ao seu semelhante. Essa é outra virtude a qual Metge constantemente recorre e, assim, projeta seu texto para uma apreciação ainda mais elevada, já que transfere o leitor a um universo semântico de coisas notáveis e dignas por seu valor intrínseco.

As noções de Mitologia, de História e, é claro, do *Trivium*, e o jogo interativo entre elas do qual o autor lança mão, evidenciam uma erudição característica do humanista que Metge era. Homem dedicado às Artes, às Letras e à Filosofia, ávido leitor de Platão, de Cícero, dos Padres da Igreja, e de tantos outros. Erudição tal que não se restringiu apenas ao conteúdo, mas que embriagou a forma. Ou melhor, a *elegante forma*. Uma apaixonada preocupação com a “primeira impressão”. Afinal, é ela que fica.

3. A profundidade do conteúdo

Essa *estética da forma* aplica-se a um conteúdo diversificado. O autor compartimenta sua *narrativa onírica* em quatro eixos principais: 1) os temas (clássicos) da morte e da imortalidade da alma, considerações existenciais praticamente olvidadas hodiernamente; 2) o *Grande Cisma* da Igreja Católica (1378-1417) –de certo modo, um precursor longínquo dos dilemas nascidos na contemporaneidade pela situação eclesial num mundo que lhe é, primordialmente, hostil e que recusa suas raízes civilizacionais; 3) a descrição mitológico-imagética do Inferno, tópico transcendental solenemente ignorado na atualidade e que tem provocado o abandono de todo o paradigma moral e ético da sociedade ocidental e 4) as mulheres, ponto nevrálgico das lutas e dos direitos civis do dito *sexo frágil* pelo menos desde o início da década de 1960, além do debate acerca da recepção e da validade (ou não) desses mesmos discursos por parte de segmentos sociais mais amplos.

Todos esses temas e sua relação com a contemporaneidade naturalmente repercutem nas regiões periféricas da civilização ocidental, como é o caso dos trópicos (da América Latina e, mais particularmente, do Brasil). Tanto a questão feminina quanto a gradativa perda do caráter transcendente dos valores éticos são problemas que afetam diretamente nossa cultura, a brasileira. A recepção de nossa tradução de *Lo Somni* pode ecoar substancialmente nas discussões acadêmicas sobre o valor e a importância do resgate de uma determinada tradição cultural peninsular, no caso a catalã. Para a tradição cultural receptora, a brasileira, a preocupação com o melhor tratamento linguístico, esquecida desde a *revolução cultural paulofreiriana*, que relegou a melhor prosa ao esquecimento ou a uma condição secundária face aos conteúdos sociais, oferece um belo contraponto

e pode ser motivo para a recuperação de um cuidado mais delicado com nossa tradição erudita.

3.1. A morte e a imortalidade da alma

Estando embora vivos, somos a toda hora entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus apareça em nossa carne mortal. Assim em nós opera a morte, e em vós a vida. Animados deste espírito de fé, conforme está escrito: Eu cri, por isto falei, também nós cremos, e por isso falamos. Pois sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, nos ressuscitará também a nós com Jesus e nos fará comparecer diante dele convosco. E tudo isso se faz por vossa causa, para que a graça se torne copiosa entre muitos e redunde o sentimento de gratidão, para glória de Deus. É por isso que não desfalecemos. Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia. A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável. Porque não miramos as coisas que se veem, mas sim as que não se veem. Pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas (II: Cor 4, 11-17).

Não há consideração metafísica mais sublime que a meditação da morte e os possíveis destinos das almas, justas ou não. Tais temas, extremamente caros à filosofia clássica, ganharam destaque tanto no Cristianismo quanto nos escritos filosóficos dele decorrentes. Na *tradição socrático-platônica*, o corpo era tratado, metaforicamente, como o *cárcere da alma*. Morrer significava libertar-se dessa “prisão mundana” e permitir que a essência do ser pudesse contemplar, eternamente, a Verdade. Por sua vez, a doutrina cristã, embora não concebesse o corpo como algo que oprimisse a alma, mas um *templo sagrado* que a protegia –final ela era parte do Criador– seguiu a mesma lógica dos filósofos greco-romanos: a verdadeira vida é aquela após a morte. Viver neste mundo era vislumbrar, cotidianamente, a morte. Meditá-la, sua obrigação. A vida terrena era, pois, uma *meditatio mortis*.

O medievo, *grosso modo*, cristianizou a morte e o Além ao estabelecer, em seu entorno, uma aura ritualística. A morte não se apresentava, assim, apenas como o falecimento do corpo e de suas funções vitais, mas como um ritual cristão profundamente marcado por símbolos escatológicos. Um medieval em vias de realizar “a última viagem”, a passagem, era preparado por dias, até mesmo semanas: confissão, extrema-unção, diversas bênçãos sacerdotais, o último adeus ao ente querido. Tudo *solenemente*. O ritual ainda se estendia após a morte do crente com o velório, a missa de corpo presente, o cortejo fúnebre, as últimas homenagens e, naturalmente, o enterro. Não esqueçamos também das *memórias de sétimo dia*, um mês, um ano, e assim por diante. Mais que morrer, morria-se *como cristão*, na esperança de alcançar a vida eterna, ao lado de Deus.

A brevidade da vida era uma certeza e a morte, um fato. É provável que esse tenha sido uma das considerações de Bernat Metge ao inserir essa temática em *Lo somni*. E quem melhor para tratá-la que seu antigo senhor e amigo, o rei D. João? O autor-personagem situa a trama poucos dias após a morte do monarca, que conta sua passagem e sua vida *post-mortem*, no Além. Mais que relatá-las, o rei tinha uma importante missão, a de convencer o céptico Metge sobre a imortalidade da alma.

A abordagem desse tema metafísico revela, de antemão, mais um aspecto humanista da obra: o *resgate dos clássicos*. Entender a alma como algo que não experimenta a corrupção da morte remontava ao pensamento filosófico grego anterior a Sócrates (469-399 a. C.), transmitido à filosofia cristã e reforçado por ela. Como vimos, Metge foi leitor de Platão (428-348 a. C.) e de Cícero (106-43 a. C.), dois dos principais filósofos clássicos que discorreram sobre esses temas transcendentais. A inserção deles não foi

gratuita: Bernat assim preservava e estava acorde com uma tradição secular que atribuía perenidade ao anímico.

A longa discussão estabelecida no texto evidencia, de um lado, um paciente e misericordioso D. João, que ensina e consola seu fiel servo e, de outro, um agnóstico e agitado Bernat, que, no melhor espírito da Modernidade, só acredita no que vê. De modo muito pedagógico, o rei explica a Metge que há três tipos de *espíritos vitais*: 1) os anjos, que tiveram princípio em Deus e não estão “cobertos de carne”; 2) a Humanidade, que recebeu do Criador um novo princípio e que, embora cobertos de carne, não pereciam com ela e 3) os animais, feitos de carne e que nasciam e morriam com ela. Por situar-se no centro da Criação, o homem tem algo que o liga aos anjos, e consequentemente ao mundo espiritual (a imortalidade da alma), e às bestas, representantes *par excellence* do mundo carnal (a mortalidade do corpo), ainda que a ressurreição remediasse tal corruptibilidade. Não podemos nos esquecer de que essa posição crucial do homem na Criação já está presente no *Livro das Maravilhas* (1289) do filósofo catalão Ramon Llull (1289-1316). Julia Butiñá, apesar de colocar o *Livro das Maravilhas* no rol de sua análise intertextual de *Lo Somni* (495-498) em seus aspectos formais de causa e consequência, prefere dar um espaço maior à influência das famosas “razões necessárias” lulianas (205-206), conceito filosófico expresso no *Livro do Gentio e dos Três Sábios* (c. 1274-1283) –em que pese o fato desta noção perpassar toda a obra do filósofo catalão.

O maravilhamento de Bernat diante da sapiência de seu amo é manifesto ao longo de todo o *Primeiro Livro* de *Lo Somni*. O aparente embrutecimento do autor-personagem deixara-o insensível ao conhecimento das coisas celestes. Talvez esse tenha sido um recurso literário que permite uma explanação de ideias suavemente concatenadas, perpassadas pelos escritos de Platão, Aristóteles (384-322 a. C.), Cícero, São Gregório Magno (c. 540-604), Santo Agostinho (354-430), Cassiodoro (c. 485-585), Santo Tomás de Aquino (1225-1274), e tantos outros que, brilhantemente, enlevaram os espíritos de seus leitores. Nesse sentido, os ensinamentos do rei, paulatinamente, quebrantaram o coração e a mente mais propícia aos questionamentos laicizantes dos novos tempos que se anunciavam ao nosso céptico protagonista. No ápice de sua argumentação, D. João expõe uma das mais belas passagens da obra:

Que a alma seja substância espiritual, quem o pode negar? Todas as coisas corporais estão contidas em três linhas –longitude, latitude e profundidade– as quais não se pode provar que estejam na alma, pois, apesar de estar subjugada pelo peso do corpo enquanto este a acompanha, ela considera as opiniões das coisas com curiosa solicitude, pensa profundamente nas coisas celestiais, busca as naturais com sutil indagação e deseja saber grandes coisas do seu Criador. Se fosse corporal, não contemplaria as coisas espirituais com as suas indagações. Que é substância própria está claro, pois nenhum outro espírito que receba a carne se lamenta ou se alegra com as suas paixões, que são: amor, ódio, desejo, abominação, deleite, tristeza, esperança, desespero, temor, audácia, ira e mansidão.

Ela é vivificadora de seu corpo, porque, assim que ele lhe é concedido, ama seu cárcere com grande amor, e o ama porque não pode ser livre. É fortemente atormentada pelas suas dores; receia a morte, mas não pode morrer (conforme verás mais adiante) e, assim, teme pela sorte de seu corpo para que seja por ele mais prolongada. Deleita-se com os olhos do corpo vendo coisas belas, na melodia com os ouvidos, com o nariz sentindo odores prazerosos, com o gosto, bons sabores, e com o tato, tocando coisas macias, duras, ásperas e lisas (...).

A vida do corpo, portanto, é a presença da alma por ele recebida, e a morte a sua separação. Enquanto vive o corpo, a alma está em todas as suas partes e não está em um

lugar menos do que em outro. Bem, contudo é verdade que em algum lugar ela está mais ardentemente, e em outro de modo mais tênue, mas em cada lugar do corpo ela se estende e lhe dá força vital e alimento competente (*Lo Somni*, I: 8-9).

Mediante tais colocações, o texto pretende inclinar o leitor à percepção de que a alma provém de Deus e almeja, enquanto estiver junto ao corpo, unir-se a Ele uma vez mais, contemplando-O em sua glória pelos séculos dos séculos. A morte não só põe fim à efêmera existência da carne, mas concede vida à alma. A verdadeira vida. Eterna.

3.2. O *Grande Cisma* da Igreja Católica

O *Segundo Livro* de *Lo Somni* é principiado pelos questionamentos de Metge acerca da súbita morte do rei. Sabiamente, o monarca pondera que, idealmente, a morte de nenhum fiel cristão deve ser súbita, já que é seu dever esperá-la cotidianamente: mais uma vez, a *meditatio mortis*. Além disso, Deus é quem fixa o findar de nossas vidas e, assim, todas as mortes são por Ele esperadas. É a vontade do Criador que dirige o nosso destino, seja ele em vida ou após a morte. A mesma Divina Vontade reservou ao *Caçador* o Purgatório, para a surpresa de Metge. Qual(is) o(s) motivo(s) de tal destinação? É o que analisaremos a seguir.

A alcunha do rei fazia jus à sua fama: D. João deleitava-se demasiadamente com a caça. Esse vício, talvez o que mais aproximava os reis medievais dos antigos chefes tribais bárbaros, era frequentemente condenado pela Igreja, por seus moralistas, afinal, um monarca devia dedicar-se integralmente à administração de seu reino. O soberano aragonês era, além disso, inclinado aos prazeres musicais de cantores e menestréis, esbanjador e adepto de práticas condenáveis pelo Cristianismo, como as adivinhações do futuro. Vida mundana que era lembrada, sofridamente, no Purgatório. Mas esses, sem dúvida, não foram seus maiores pecados.

“Como amante do cisma, pertences a mim” (*Lo Somni*, II: 6). Tais foram as palavras do príncipe das trevas que quase lançaram o rei à condenação eterna, ao Inferno. Instigar o cisma que acometia a Santa Igreja de Deus: essa havia sido a maior de suas transgressões.

O *terrível século XIV*. Época de crises, sentimentos de que o fim estava próximo. A peste grassava, as guerras se estendiam, a fé era abalada. Definitivamente, o mal conduzia o destino daqueles tempos apocalípticos. No bojo de todas essas calamidades estava o *Grande Cisma do Ocidente*, fratura político-espiritual que, como a lança no coração de Maria, transpassava a unidade da Igreja. O retorno da sede do papado para Roma em 1377 não ocultou uma fissura já existente no Colégio de Cardeais, dividido, basicamente, entre franceses e italianos. Em 1378, a eleição de Urbano VI (1318-1389) não trouxe a concórdia almejada e o estopim da crise foi aceso: naquele mesmo ano, Clemente VII (1342-1394) também foi aclamado por um segundo conclave. Dois papas, uma Igreja. Naquele momento, *bicéfala*.

Até 1417, ano da reunificação, Roma sediou a obediência de Urbano e de seus sucessores, assim como Avignon a de Clemente e a de seu sucessor, Bento XIII (1328-1423). Os quase quarenta anos em que vigorou o *Cisma* foram marcados também pela fratura de toda a Cristandade, uma vez que os reinos europeus se posicionaram a favor de um ou de outro pontífice. Obter apoio das autoridades temporais para legitimar a posição dos papas parecia, nesse sentido, mais importante que restabelecer a unidade da Igreja. Esse era o gancho que nos faltava para entender a destinação da alma de D. João. Sabe-se que ele, enquanto titular da Coroa de Aragão, apoiou oficialmente a obediência pontifícia de Avignon, supostamente por uma premissa familiar, já que Bento XIII, eleito em 1394, era cunhado do futuro rei Martim I (1356-1410), irmão de João. Assim, é compreensível que o diabo trate, em *Lo Somni*, o monarca e os demais príncipes

europeus como *instigadores do Cisma*, pois nada fizeram para superá-lo. Negligência.

Tal acusação era suficiente para condenar o rei ao sofrimento eterno. Ele, no entanto, foi beneficiado pela Misericórdia Divina, através da intercessão da Virgem Maria. A Mãe do Salvador rebateu as acusações do inimigo de Deus, ao afirmar que ele mesmo fora o causador do cisma. Além disso, suplicou a seu Filho que fosse misericordioso com o rei, que em vários momentos de sua vida havia demonstrado uma fervorosa devoção – João I foi um dos primeiros monarcas a celebrar a *Imaculada Conceição* de Maria em seus domínios reais. Imediatamente, Cristo o teria liberto das penas infernais, embora estivesse privado da glória celestial enquanto o cisma não fosse definitivamente extirpado da Santa Igreja.

O tratamento desse tema por D. João evidencia, mais uma vez, a preocupação que nutria pelo seu amigo e servo. Mais que relatar o motivo de estar no Purgatório, o rei prezava pela salvação da alma de Metge, para que sua fé não se abalasse em meio a esse conflito. Inatingível, Inquebrantável fé daquela verdadeira religião, Una, Santa, Católica e Apostólica: era essa atitude devocional que conduziria Metge ao Paraíso, lugar no qual a milícia celeste cantaria em uníssono as maravilhas de Deus.

3.3. O Inferno

Quem toma a fala, de modo muito cortês, no *Terceiro Livro*, é Orfeu, famoso personagem mitológico que acompanha o espírito do rei João. É necessário narrar, uma vez mais, o mito. Orfeu inicia o relato de sua vida, em especial, de seus dissabores. Entregara-se integralmente, neste mundo, às suas três paixões: a Retórica, a Música e Eurídice, sua bela esposa. Eurídice fora raptada pelo lascivo pastor Aristeu e, no prado para onde tinha sido levada, morrera picada por uma serpente. Sua alma estava agora no Hades, e seu fiel esposo determinado a resgatá-la. Orfeu desceu ao mundo dos mortos e entrou após fazer Cérbero, o infernal cão porteiro, adormecer ao som de sua lira. Colocou-se diante dos juízes Minos, Radamanto e Éaco, das Fúrias, das Górgonas, das Harpias e das Parcas, tomado pelo sofrimento de perder sua amada, e disse:

Se diante de vosso grande poder não exponho da maneira devida o motivo pelo qual vim até aqui, suplico-vos que me perdoeis, pois perdi o senso pelo súbito e imprevisto infortúnio que se abateu sobre minha dolorida cabeça. Não vim aqui para contemplar as trevas infernais, às quais necessariamente todos os mortais devem baixar, tampouco para acorrentar o pescoço de Cérbero, como alguns já o fizeram. A única causa de minha vinda é minha mulher, morta na flor da juventude pelo veneno de uma serpente. Tentei, sem sucesso, suportar com paciência, mas o amor por ela me venceu. Se a fama antiga é verdadeira, todos já foram enamorados como eu. Que agrade a vós, portanto, que a minha mulher me seja restituída. Todas as coisas vos são devidas e, cedo ou tarde, para cá devem geralmente vir. Todo o mundo deve perecer, e esta é a nossa derradeira casa. Vós possuíis os perpétuos reinos da linhagem humana. Quando a dita mulher minha chegar à velhice, também será vossa: somente vô-la peço para meu uso. Não tendes por mim repulsa, pois, se o fizerdes, sabeis que daqui não sairei. Nesse caso, alegrai-vos com a morte de ambos (*Lo Somni*, III: 1).

Todos que escutaram as doces palavras de Orfeu, inclusive as almas que padeciam ante suas penas, puseram-se a chorar! A maviosidade e a doçura do canto do herói foram capazes de tocar aqueles duros corações, inclusive o de Plutão, príncipe do Hades. Eurídice foi restituída a Orfeu, mas com uma condição: eles deveriam deixar o Hades sem olhar para trás, caso contrário, Orfeu perderia sua amada. Quando estavam próximos da saída, ansiando em contemplar uma vez mais o rosto de Eurídice, ele olhou para trás e, imediatamente, sua esposa caiu e retornou às profundezas daquele

submundo. Embriagado por uma profunda tristeza, o filho de Apolo e de Calíope quis recuperá-la e ficou mais sete dias às portas do Hades, sem comer nem beber, na esperança de lograr sucesso. Seus esforços, no entanto, foram infrutíferos. Inconsolável, Orfeu subiu ao monte Ródope, onde melodiosamente passou a tocar sua lira. Naquela região, manteve uma irreduzível e inquebrantável fidelidade à sua amada, mesmo que só. Cantava e tocava sua lira para deleite dos presentes e transeuntes. Tal postura de renúncia provocou a ira das Bacantes da Trácia, as Mênades, responsáveis por sua execução face à rejeição que sofreram do músico apaixonado. Com sua (trágica) morte, Orfeu finalmente pôde estar ao lado de sua amada. Por toda a Eternidade.

Metge ouviu, embevecido, a tragédia pessoal do herói grego. Tomado pela curiosidade, queria saber o que era o Inferno. Orfeu, um tanto a contragosto, respondeu-o. É preciso perceber, nesse momento, mais um curioso aspecto humanista (e híbrido) do texto: o Inferno cristão confunde-se com o Hades pagão. No melhor espírito do classicismo renascentista, a tradição mitológica greco-romana foi aqui evocada, simultaneamente, como complemento e subsídio da tradição cristã. Portanto, a descrição geográfica e imagética do Inferno que Metge coloca nos lábios de Orfeu é, na verdade, o que se supunha ser, por parte da Mitologia, o mundo dos mortos, o Hades.

O músico grego, assim, descreveu detalhadamente a morada infernal. Os rios que a perpassavam (Lete, Cócito, Aqueronte e Estige), as personagens que lá jaziam (aqueles já citados anteriormente, além de Plutão e de Mégara), os sentimentos que lá se tinham (sofrimento, dor, pranto, penúria). Era, por sua própria essência, um lugar horrível, onde se sofriam os piores castigos.

Tanto a narrativa do *Cisma*, quanto a descrição do Inferno anunciam o caráter pedagógico-moral do texto metgiano. Assim, as aparições do rei, de Orfeu e de Tirésias ao autor-personagem desvelam o que deveria ser o verdadeiro e legítimo direcionamento moral da vida terrena: a busca incessante das coisas divinas, eternas, em detrimento das mundanas, fugazes. Mais que saber, por mera curiosidade, o que Metge deveria esperar do Inferno (ou do Purgatório), o conhecimento prévio de tais regiões do Além por parte das personagens doutrinaram nosso protagonista pelo medo: pavor de não se salvar e de perder, por toda a Eternidade, as benesses da glória divina, como apregoava a tradição cristã. “Em conclusão: tudo bem entendido, teme a Deus e observa seus preceitos, é este o dever de todo homem” (Ecl 12, 13).

Esse aspecto paradoxal do texto de Metge aponta as tensões existenciais íntimas de que padecia nosso escritor, fato já apontado por Julia Butiñá (433). O tempo de *Lo Somni* foi o da lenta, porém progressiva, dissolução do sistema unitário de valores nascido na Grécia antiga e herdado pela Idade Média. Essa decadência da moral, ou da ética, como o leitor preferir, é uma solitária angústia que o escritor vivencia em seu mundo interior, situação também destacada por Butiñá, em que pese seu otimismo analítico ao anunciar o literato catalão como um pioneiro viajante na estrada que o Ocidente percorreria nas centúrias seguintes.

3.4. As mulheres

O final do *Terceiro Livro* e toda a discussão do *Quarto*, centram-se num tema relativamente melindroso: a natureza das mulheres. Complexa harmonia, delicada sintonia. Essa é uma das percepções mais recorrentes, embora não a única, que perpassam as impressões masculinas ao longo dos séculos. Recordemos aqui apenas um exemplo: o *Tratado do Amor Cortês* (1186-1190), de André Capelão, e sua difícil ambiguidade textual interna.

Nesse sentido, as mulheres sempre se apresentaram à História, ou melhor, aos homens que a escreveram, como instáveis atrizes do palco humano no qual se desenrola

o teatro da vida. Controversas, para os medievais, a meio caminho entre Eva e Maria, para os antigos, entre Juno e Vênus, constante misto de santidade e de profanação, de paciência e de inquietude, de razão e de emoção, mais emoção, de sabedoria e de frivolidade. Afinal, quem eram as mulheres? Georges Duby (1919-1996) chegou mesmo a afirmar: sempre tivemos medo delas!

Metge atribui a Tirésias a resposta. O adivinho grego inicia seu discurso com uma demonstração, de acordo com a filosofia clássica, de que não existe o Bem nas coisas mundanas, somente sua imagem refletida em um espelho deformante. Com isso, o sábio quer demonstrar que o amor nutrido por qualquer homem em relação a uma mulher é supérfluo, vão. Esse amor é perda de tempo, já que é apenas uma frágil e ilusória imagem da ideia de Amor. O verdadeiro sábio deve afastar-se desse desejo, que se traduz na sedução carnal, e almejar sempre o que é excelso, sublime, divino. As mulheres, assim, são apresentadas como sedutores desvios em meio ao caminho para a virtude. A vida de Tirésias, como veremos, é a chave para uma interpretação mais fidedigna de tais ideias.

Tirésias foi um notável filósofo de seu tempo, instruído na Matemática. Era pai de Manto, uma poderosa feiticeira. Em uma de suas andanças, o sábio deparou-se com duas serpentes copulando. Com seu bastão, ele atingiu uma delas e, imediatamente, transformou-se em mulher. Permaneceu nesse estado por sete anos, até que encontrou mais uma vez aquele casal de ofídios no ato carnal e, ao acertar a outra serpente com o bastão, foi reconvertido em homem. Essas extraordinárias mutações deram a Tirésias o subsídio necessário para arbitrar uma disputa entre Júpiter e Juno: quem era dotado de maior luxúria, o homem ou a mulher? Com conhecimento de causa, o filósofo respondeu que a luxúria da mulher ultrapassa em três vezes a do homem. Juno, irada com a resposta, tirou a visão e os olhos de Tirésias. Como compensação, Júpiter concedeu-lhe o dom da adivinhação. Claro está que o velho sábio, por ter sido fêmea durante sete anos, conhecia *ex cathedra* o universo feminino.

A argumentação de Tirésias segue um tom tenso de revolta, ríspido, inclusive de estupefação com as iniquidades das mulheres. Desagradáveis, atormentadas, incapazes de amar outra coisa que não o próprio corpo, vaidosas por natureza (no pior sentido da palavra), egocêntricas, luxuriosas, iradas, enganadoras, avarentas. Esses são apenas alguns dos diversos adjetivos que o sábio lança mão! Metge discorda frontalmente da explanação de Tirésias e a discussão ganha ares inusitados. Inflama-se. Embora concordasse, em boa medida, com as colocações do velho, Bernat elogia a virtuosidade de algumas excelsas damas, e que tanto lhe fizeram bem. Uma verdadeira *ode ao feminino*, universo apreciadíssimo pelo autor. Afinal, não custa lembrar, ele se casou duas vezes e só teve herdeiras!

Tudo isso revela uma antiga ojeriza cultivada desde Juvenal (60-128) e seguida por um frustrado Boccaccio (1313-1375), dispensado por uma mulher nobre com um sonoro “não”. Metge teria bebido dessas fontes, de modo a reproduzir seus argumentos sem, contudo, concordar com eles. O *outono da Idade Média* ainda respirava os rastros do perfume do *amor cortês*: reservava às donzelas e senhoras uma cara e privilegiada posição. Nosso autor, certamente, dialogava com os sentimentos de seu tempo.

Antes que o leitor pense que *Lo Somni* seja uma obra misógina que apregoa os estereótipos e rótulos atribuídos às mulheres, respondemos de antemão: não. A discussão sobre as damas na obra, longe de confrontar o antagonismo existente entre os ditos “sexo frágil” e “sexo forte”, ou de reforçar um discurso excludente/opressor, presta-se a, aparentemente, um só papel: divertir o leitor, fazê-lo rir! Ao lermos o texto com uma *compreensão mais profunda das palavras*, percebemos que se trata de uma *construção literária* que amplifica, distorce e satiriza a vida real das mulheres, seu

mundo próprio, sua forma de se expressar *no* mundo, que é, que sempre foi, diferente da dos homens. O escárnio é e sempre foi um modo de fugir da realidade. Um escape. O riso era, pois, o consolo da alma em meio a tempos tão difíceis. Ainda o é.

4. Um *tempero tropical* no *devaneio onírico* metgiano

Trazer um autor catalão, predecessor do Humanismo na Península Ibérica e precursor dos novos caminhos oferecidos pela Modernidade, às terras brasileiras é fato que não pode ocorrer sem uma pitada de nosso *tempero latino-americano*, de nossa mestiçagem cultural, de nosso sabor tropical. Nossa contribuição foi a de inserir uma pitada de erudição histórico-cultural e interdisciplinar às considerações analíticas do texto de Bernat Metge. Inserimos notas explicativas ao final de nossa tradução para a língua portuguesa com o objetivo de oferecer ao público leitor de âmbito lusófono paralelismos que o ajudem a apreciar com mais profundidade e de modo mais adequado a riqueza literária do texto, suas nuances, seu resgate da *oniologia* como tema filosófico-literário, sua preservação da transcendência cristã como pano de fundo de suas meditações éticas e, por fim, sua densidade gramatical e lexicográfica.

Para isso, procedemos ao mesmo método realizado quando de nossa tradução da novela de cavalaria *Curial e Guefa*, trabalho também sob os auspícios de IVITRA: além de notas explicativas com a devida indicação bibliográfica ao alcance do leitor brasileiro, efetuamos estudos informativos e biográficos associados à apresentação de obras artísticas nas quais aqueles personagens citados em *Lo Somni* fizeram sua aparição no texto. Unir Literatura, História e, sobretudo, Arte é uma metodologia interdisciplinar que nos parece muito pertinente para a mais adequada apreciação desse notável estilo textual, meio híbrido, com temáticas aparentemente desconexas, porém unidas por um seguro fio condutor: as divagações acerca da existência humana.

Por exemplo, quando, em *Lo Somni*, o rei dialoga com o autor-personagem a respeito da ressurreição dos corpos, um dos autores citado é Virgílio. Inserimos uma nota na qual relacionamos Dante (1265-1321), um mosaico anônimo do século III, além das informações históricas habituais aos não iniciados na cultura clássica, infelizmente, abundantes em nossos dias. Nossa proposta se vale da tradução de *Lo Somni* para também apresentar ao público brasileiro um universo cultural hoje, praticamente, desconhecido. Isso faz com que nos posicionemos ao lado de nosso autor catalão junto às obras que eram seus livros de cabeceira (Ramon Llull, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Cassiodoro, Cícero, Virgílio, etc.). Nesse aspecto, não poderíamos deixar de fazer menção e agradecimentos aos nossos predecessores dessa hercúlea tarefa: Stefano Maria Cingolani e, especialmente, Julia Butiñá, sempre muito solícita com suas indicações bibliográficas, sugestões e leituras críticas.

5. Conclusão

Qual o proveito que o leitor brasileiro pode ter ao ser apresentado a Bernat Metge? Qual a possível contribuição de *Lo Somni* à cultura erudita brasileira? É possível? A distância temporal não é um impeditivo para a devida apreciação estético-literária dessa obra? Antes de responder a essas divagações feitas *a posteriori* a nosso trabalho, é bom deixarmos claro que o *late motive* propulsor de nossa navegação em terras literárias catalãs é o puro prazer e deleite de mergulhar em uma cultura milenar e com profundas raízes na tradição ocidental. Cultura pela cultura. Arte pela arte. História pela história. Só com esse legítimo *interesse desinteressado* podemos realmente apreciar o cabedal que a cultura do Ocidente legou ao nosso tempo.

E, afinal, o que podemos responder daquelas indagações que despertaram o desejo de escrever esse pequeno opúsculo? Conforme afirmação recente de um dos autores do

presente texto, Ricardo da Costa (2013), a única “salvação” de nosso universo histórico, o Ocidente, é o delicado resgate de nossa cultura mais longínqua. Os clássicos. Nesse sentido, apresentar pioneiramente Bernat Metge à cultura brasileira é mais que isso, pois recuperamos um clássico desconhecido. Um dos grandes esquecido, sepultado na avalanche soterradora moderna, hecatombe que adormece, que olvida o passado, o *melhor passado*. Nesse caso em particular, o de *Lo Somni*, a justa apreciação da obra segue *pari passu* o resgate de nossa própria língua, a última flor do Lácio, ela própria sob os escombros de nossa decadência. As filigranas do texto, a apreciação de sua densidade dramática e de sua delicadeza existencial, obrigam o leitor a um esforço não só hermenêutico, mas gramatical. Pois a beleza do texto faz com que seu apreciador enleve sua reflexão, com base no sonho de Bernat. Sonhamos juntos. Nele está a utópica salvação de nossa cultura. Com Bernat, avançamos rumo ao futuro. Assim como nosso autor antecipou as pegadas de seu tempo vindouro, sua leitura talvez antecipe os novos dramas que estão por vir.

Obras citadas

- Anônimo. Ricardo da Costa trad. *Curial e Guelfa*. Santa Barbara, California: Publications of eHumanista, 2011.
- Butiñá, Julia. *En los orígenes del Humanismo: Bernat Metge*. Madrid: UNED, 2002.
- Costa, Ricardo da. “Os sonhos e a História: *Lo somni* (1399) de Bernat Metge.” *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca. Anuario de filología catalana, gallega y vasca XVII* (2012): 15-30.
- . “*O Sonho* (1399) de Bernat Metge e suas considerações filosófico-oníricas”. En *Livro Eletrônico vinculado ao XV Encontro Nacional da ANPOF*. No prelo. 2013a.
- . “La inmortalidad del alma en *Lo Somni* (1399) de Bernat Metge.” *Saeculum. Revista de História da UFPB* 30 (2013b). No prelo.
- . “Los clásicos que hacen clásicos: la importancia de los clásicos y de la tradición clásica en la configuración del canon cultural medieval.” *Cuadernos de Historia Universal UCR-UNA* (2013). No prelo.
- Huizinga, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- Metge, Bernat. Stefano Maria Cingolani ed. *Lo somni*. Barcelona: Editorial Barcino, 2006.
- . Julia Butiñá trad. *Lo somni / El sueño*. Madrid: Centro de Lingüística Aplicada Atenea, 2007.
- Silva, Matheus Corassa da. “O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417) em *O Sonho* (1399), de Bernat Metge”. *Medievalis* 2 (2012): 71-82.